

**O DITO, O NÃO DITO, OS SILENCIAMENTOS E A CONSTRUÇÃO DO TEXTO:
POSSIBILIDADES DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO TEXTUAL DE UM
DISCURSO CARNAVALESCO À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO**

Fábio Petrolí Ciolfi¹

Stephanie Adriane Leite Mina²

Resumo

Por meio da análise de um texto veiculado na mídia em que há o posicionamento de uma jornalista sobre o Carnaval, o presente artigo discute, à luz dos estudos da Análise do Discurso, como se opera a construção do texto, isto é, no que se refere ao que efetivamente é dito pelo texto e o que não é dito (o que o texto silencia). Ainda, pretende-se analisar os motivos que levaram a autora do texto a dizer o que disse da forma como foi dita. Para tanto, com base nos estudos de Ingo Voese (2004), pretende-se mostrar caminhos possíveis na leitura e análise textual. Longe de esgotarem as discussões, os caminhos de análise propostos pela Análise do Discurso podem contribuir nas aulas de Língua Portuguesa, fomentando e propiciando discussões e interpretações muito ricas para serem utilizadas por professores em sua metodologia de ensino de leitura e escrita. Ademais, considerando que nenhum texto ou discurso se constitui de forma isolada, mas que sempre é atravessado pelo discurso do outro (AUTHIER-REVUZ, 1990; BAKHTIN, 2000), pode-se observar a importância da Análise do Discurso enquanto desencadeadora do pensamento reflexivo, atuante na formação histórica e ideológica do sujeito leitor.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Carnaval. Interpretação de texto. Silenciamentos. O dito e o não dito.

Abstract

Through the analysis of a text posted on the media in which there is the positioning of a journalist about Carnival, this article discusses, in the light of Discourse Analysis studies, how the construction of the text is produced, i.e., as far as it refers to what is actually said by the text and what is unsaid (what is silent in the text). Furthermore, it intends to analyze the reasons that have led the author of the text to say what she said the way it was said. Therefore, based on the studies of Ingo Voese (2004), the article aims to show possible paths in reading and textual analysis. Far from wrapping up the discussions, the paths of analysis proposed by the Discourse Analysis may help in Portuguese classes, fostering very enriching discussions and interpretations to be used by teachers on their reading and writing teaching methodology. Moreover, considering that no text or speech is constituted in isolation, but that it is always crossed by the speech of the other (AUTHIER-REVUZ, 1990; BAKHTIN, 2000), the importance of Discourse Analysis can be observed as the trigger of reflective thinking, active in historical and ideological formation of the subject-reader.

Keywords: Discourse Analysis. Carnival. Reading Comprehension. Silencing. The said and the unsaid.

¹ Aluno do sexto período do curso de Licenciatura em Letras - Português/Inglês do Centro Universitário Padre Anchieta (UNIANCHIETA). Estuda o Carnaval e suas múltiplas manifestações com foco na materialização de fenômenos linguísticos que perpassam os produtos e/ou discursos associados à festa, dentre os quais as sinopses carnavalescas, os sambas-enredo e as alegorias.

² Aluna do sexto período do curso de Licenciatura em Letras - Português/Inglês do Centro Universitário Padre Anchieta (UNIANCHIETA). Além de se dedicar à atuação como atriz, também se interessa pelo estudo do teatro e suas múltiplas relações com a produção literária.

1 Introdução

Ingo Voese, autor do livro *Análise do discurso e o ensino de Língua Portuguesa* (2004), exemplifica, no capítulo intitulado “Análise do discurso: uma proposta”, uma metodologia de estudo de análise e interpretação discursiva que pode ser feita e utilizada pelos professores como instrumento de leitura para o ensino nas aulas de Língua Portuguesa. Considerando que a Análise do Discurso não opera com uma única metodologia, o autor frisa que a proposta que será apresentada é um modelo que pode ser utilizado para o trabalho de interpretação textual, em que “a proposta revelará diferenças em relação a outras abordagens e outras concepções de Análise do Discurso” (VOESE, 2004, p. 105). Mesmo reconhecendo que sua metodologia de trabalho apresenta diferenças em relação a outras abordagens e concepções da Análise do Discurso, o autor destaca o lugar de referência teórica organizado em sua proposta, pois esta, de acordo com o autor, oferece certa segurança para demarcar um lugar de atuação e avaliar uma atividade de Língua Portuguesa. Assim, para legitimar seu posicionamento e conseqüentemente a análise a que se propõe, Voese traz como referencial teórico autores como Bakhtin, Lukács, Heller, Mészáros e Goldmann. Junto a eles, e calcado em conceitos e referências associadas com a enunciação, com o dialogismo, com a polifonia, com a ideologia e a história, o autor conclui que a proposta que traz

[...] diz respeito, em primeiro lugar, à descrição do dito e dos silenciamentos, e das escolhas do modo de dizer, ou seja, ela busca observar que: (a) diz-se isso e se silencia aquilo; (b) diz-se assim e não de outro modo. (2004, p.114).

Ainda, Voese defende que “em segundo lugar, a análise localizará, para compreender por que o dito foi dito de tal modo, o lugar social e as determinações históricas que constituem o contexto mediato” (2004, p. 114).³

Por fim, para demonstrar a aplicação teórica e sua metodologia de trabalho, o autor propõe uma análise e reflexão baseada em um texto encontrado em um livro didático da sexta série do ensino fundamental, em que, utilizando o arcabouço teórico levantado, propõe discussões acerca do enunciante do tema, o não dito⁴, o modo da enunciação, uma

³ Voese menciona que ao analista do discurso cabe operar e levar em consideração dois contextos: o contexto imediato e o contexto mediato. “O contexto imediato se refere à relação do enunciante com o outro na sua imediaticidade, quando interessa observar o que o enunciante disse o que não disse e o que o dito representa como base informativa para viabilizar a interação.”. (2004, p. 108). Já o contexto mediato se refere ao condicionamento do discurso em ângulos mais amplos, tais como as ações do sujeito frente ao discurso enunciado e suas relações com as esferas e determinações sociais, possibilitando verificar as ações tomadas pelo sujeito na organização e construção do seu discurso.

⁴ Em sua obra, Voese utiliza a grafia “não-dito”. Consideraremos ao longo deste trabalho a norma ortográfica vigente, sem prejuízos de leitura e interpretação.

interpretação possível para o que se diz e a compreensão da discursividade do texto – organização metodológica que também será seguida por nós no discorrer do presente trabalho.

2 Proposta de análise

Um dos principais interesses de Voese é evidenciar como é possível trabalhar com o texto nas aulas de Língua Portuguesa de forma a propor o pensamento e a reflexão para além do que aparentemente se encontra explícito no texto. Assim, com base na proposta do autor, bem como em sua metodologia, trilharemos um caminho semelhante. Para isso, propomos uma aula de leitura e interpretação de texto para o terceiro ano do Ensino Médio, em que se objetiva, pelo trabalho conjunto entre professor e alunos, construir o sentido do texto para além do que é dito, ou seja, para além da superfície textual. Assim, a análise e a leitura que serão aqui propostas, longe de esgotarem as possibilidades de leitura e interpretação textual, trazem um caminho possível a se seguir pelos professores de língua, de forma a propor um trabalho de análise textual que possibilite que os alunos percebam como o texto que será abordado se estrutura, sua relação com outros textos e discursos, as motivações histórico-sociais, o contexto do enunciante e sua relação com o assunto sobre o qual o texto aborda/se posiciona, etc. Considerando o público-alvo da aula, trabalharemos com a leitura e interpretação de alguns fragmentos dissertativos pertencentes à opinião da jornalista Rachel Sheherazade sobre o Carnaval⁵. A opinião da jornalista foi veiculada no ano de 2011, no telejornal Tambaú Notícias, da emissora de televisão TV Tambaú, localizada em João Pessoa, na Paraíba, afiliada do SBT. Além de veicular seu ponto de vista sobre o Carnaval em rede aberta de televisão, a jornalista publicou seu discurso em seu blog pessoal, em postagem realizada no dia 2 de março de 2011⁶.

Abaixo, seguem os recortes selecionados R1, R2 e R3 (SHEHERAZADE, 2011; grifo da autora):

⁵ Por adentrarmos o campo da Análise do Discurso, consideramos o Carnaval como um tema propício a ser explorado, tanto pelo fato de ser um tema que desperta múltiplas interpretações e posicionamentos por parte da imprensa, quanto pela oportunidade de evidenciarmos os múltiplos discursos que se entrelaçam na literatura do Carnaval, ora se reafirmando, ora se refutando.

⁶ O posicionamento da jornalista em suas considerações e pontos de vista sobre a festa do Carnaval é longo e prolixo. Utilizaremos na presente análise alguns trechos desse posicionamento, retirados do texto publicado no blog. Aos interessados, nas referências deste trabalho encontra-se um link com o texto na íntegra e um link com um vídeo do Youtube em que é mostrado todo o discurso verbalizado pela jornalista no telejornal. Há pequenas diferenças na ordem dos elementos e no emprego de palavras do texto escrito para o texto verbalizado, entretanto não há prejuízo de sentido, visto que o discurso e o ponto de vista que a jornalista quer defender se mantêm.

R1: É uma festa popular. Balela! O carnaval virou negócio – dos ricos. Que o digam os camarotes VIP, as festas privadas e os abadás caríssimos, chamados “passaportes da alegria”.

R2: Carnaval só dá lucro para donos de cervejaria, para proprietários de trios elétricos e uns poucos artistas baianos. No mais, é só prejuízo.

R3: Alguém já parou para calcular o quanto o Estado gasta para socorrer vítimas de acidentes causados por foliões embriagados? Quantos milhões são pagos em indenizações por morte ou invalidez decorrentes desses acidentes?

[...]

Eu até acho que o carnaval já foi bom... Mas, isso foi nos tempos de outrora.

2.1 O dito: o que diz o enunciante do tema?

As opiniões levantadas pela jornalista se concentram nos aspectos financeiros que envolvem a festa do Carnaval. O aspecto financeiro se subdivide na construção de dois jogos: o primeiro envolvendo o termo “negócio”, e o segundo envolvendo a expressão “vítimas de acidentes”. A união de ambos os jogos culmina em uma conclusão assumida pela jornalista sobre o Carnaval. Analisando detalhadamente, temos:

- A) O primeiro jogo coloca em um mesmo patamar os termos “negócio” e “ricos”, por meio da associação envolvendo “camarotes VIP”, “festas privadas” e “abadás caríssimos”;
- B) A inserção do termo “lucro”, pertencente ao mesmo campo lexical de “negócio”, completa a ideia de “ricos”, reforçada ainda pelo uso das expressões “donos de cervejaria”, “proprietários de trios elétricos” e “artistas baianos”, que se comportam como componentes relacionados à esfera de “ricos”;
- C) A tríade composta por “negócio”, “ricos” e “lucro” argumenta para a primeira afirmação feita: de que é balela dizer que o Carnaval é uma festa popular;
- D) Tudo aquilo que não compõe a tríade “negócio”, “ricos” e “lucro” não pode trazer benefícios. Logo, essa posição argumenta no sentido da outra afirmação realizada: “No mais, é só prejuízo”;
- E) Já o segundo jogo associa o termo “foliões embriagados” como responsáveis por “vítimas de acidentes”. O jogo proposto ainda supõe uma sequência lógica: os “foliões embriagados” causam “vítimas de acidentes” cujo socorro custa ao Estado; destes, alguns morrem ou se tornam inválidos, que custam milhões em indenizações;
- F) Os dois jogos associados levam a uma conclusão: que o carnaval não é bom, ou que já foi bom em tempos de outrora. A conclusão tomada pela associação dos dois

jogos traz então como paráfrase a defesa de que o Carnaval pertence ao rico e aos poderosos, e, fora eles, só há prejuízo. Também traz muitos acidentes que custam muito dinheiro ao Estado, além das indenizações em caso de morte e invalidez. Logo, o Carnaval não é bom.

2.2 O não dito: o que no destaque de palavras e expressões silencia o enunciante?

Ao se referir ao não dito, Ingo Voese (2004, p. 116-117) nos leva à orientação de Bakhtin no tocante ao dialogismo do discurso, em que se postula que um texto não tem vínculos apenas com outros que concordam com o que o autor diz, mas também com textos que se opõem a ele. Para revelar os silenciamentos num movimento de retorno ao texto, utilizaremos, da mesma forma como propõe Voese (2004), um cotejo entre os recortes do texto em análise juntamente com outros textos retirados do noticiário de jornais e revistas.

Para isso, dividiremos o posicionamento da jornalista em três recortes (R1, R2 e R3). Para cada recorte faremos um cotejo de textos evidenciando os discursos que se materializam explicitamente no texto, juntamente com os discursos que se encontram silenciados, ou seja, expressos de forma implícita – um dito de forma não dita. Assim, inicialmente trazemos o recorte R1 juntamente com um cotejo composto de três recortes de textos veiculados na grande mídia (R4, R5 e R6):

Recorte R1 do texto: É uma festa popular. Balela! O carnaval virou negócio – dos ricos. Que o digam os camarotes VIP, as festas privadas e os abadá caríssimos, chamados “passaportes da alegria”. (SHEHERAZADE, 2011).

Cotejo de textos - R4, R5 e R6:

R4: Leci Brandão marcou a figura da mulher no samba – foi a primeira mulher a participar da ala de compositores da Mangueira – e sempre foi muito respeitada por isso e por sua postura política. Uma das que sempre relembra que o carnaval é a festa do povo e não dos VIPs. (A CANECA..., 2008).

R5: Os desfiles tornaram-se praticamente sinônimo de carnaval no centro-sul do Brasil. No Nordeste, as festas mais populares do carnaval são as de rua. Na Bahia, o trio elétrico, criado em 1950 pelo lendário Dodô e agora espalhado por todo o país, e em Pernambuco, a dança dos blocos de frevo. Foi assim, com tanta gente participando das folias, que o carnaval brasileiro se tornou o maior e mais conhecido do mundo. (NASS, 2003).

R6: “O nosso forte é a comunidade, por isso as fantasias são doadas. Os ensaios de comunidade têm muita importância, pois é nosso chão, nossos componentes que vão nos ajudar na conquista deste título para São Gonçalo. Os ensaios técnicos ajudam a encaixar o samba com a bateria, ajudam a comunidade aprender a cantar a letra. A Porto da Pedra está fazendo uma grande homenagem ao samba e ao carnaval”, afirma o presidente da vermelho e branco, Fabio Montibelo. (FONTES, 2013).

O cotejo dos textos, ou seja, a contraposição dos discursos de R4, R5 e R6 com R1, permite analisar os seguintes silenciamentos:

- A) O Carnaval surgiu, historicamente, como uma festa do povo, que se espalhou rapidamente a diversas esferas sociais;
- B) O Carnaval é sempre associado no senso comum aos desfiles que acontecem no centro-sul do Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, mas há diversas formas de se comemorar a festa, seja pelos trios elétricos na Bahia, ou o frevo e o maracatu em Pernambuco. Hoje se fala em folias justamente pelo fato de o Carnaval ser uma festa muito heterogênea, apresentando uma diversidade de formas de se comemorar perante tradições, costumes e regiões Brasil afora.
- C) Se não fosse o espetáculo proporcionado pelos desfiles e toda arte envolvida no espetáculo no Rio de Janeiro, será que haveria tanto interesse por parte dos empresários e classes mais abastadas? Provavelmente não. Logo, a festa chama a atenção e ganha proporções gigantescas pelo comprometimento das comunidades que fazem o Carnaval ao longo do ano inteiro.
- D) O envolvimento de milhares de pessoas com a festa fez com o que Carnaval brasileiro ganhasse reconhecimento internacional, a ponto de ser chamado de maior espetáculo da terra – espetáculo feito pela comunidade, por artistas, artesãos, escultores, pintores, retratistas, ritmistas, entre outros.
- E) As festas privadas e abadás caríssimos são uma pequeníssima minoria, frente à grande massa que brinca Carnaval por conta própria. A população na rua ultrapassa milhões, ao passo que os mais ricos em suas festas e camarotes Vips não ultrapassam poucos mil.

O recorte de texto R2, representado pelo trecho abaixo, pode ser submetido ao cotejo com quatro recortes (R7, R8, R9 e R10):

Recorte R2 do texto: Carnaval só dá lucro para donos de cervejaria, para proprietários de trios elétricos e uns poucos artistas baianos. No mais, é só prejuízo. (SHEHERAZADE, 2011).

Cotejo de textos - R7, R8, R9 e R10:

R7: Nos próximos cinco dias, os olhos do mundo se voltam para o Brasil. Estamos no Carnaval, uma das festas mais aguardadas no ano, não só pelos brasileiros, mas também pelos turistas que gostam de Sol, tem alegria e apreciam belas paisagens do País. Apesar da festa, aparentemente descomprometida com questões econômicas, nos últimos anos passou a contribuir com os resultados financeiros do País alavancando os setores de turismo, serviços, hotelaria e gerando empregos para artesãos e até em mão de obra qualificada (arquitetos, engenheiros elétricos, especialistas em moda, historiadores entre outros). Um negócio que nas últimas décadas do século passado tinha como referência apenas o Rio de Janeiro, tomou grandes proporções e hoje, o Carnaval move as economias das principais cidades brasileiras, tanto das capitais como dos municípios. (ESPECIAL Carnaval..., 2012).

R8: Turismo brasileiro comemora números do Carnaval (*manchete*)
Hotéis, bares, restaurantes e prestadores de serviços estão entre os que mais se beneficiaram com o fluxo turístico gerado com a folia. O Carnaval movimentou toda a cadeia ligada ao Turismo e se mostrou um negócio altamente lucrativo. Apenas os viajantes brasileiros movimentaram R\$ 6,6 bilhões no período, o que representa 3% do total gerado pelo setor em um ano, de acordo com dados do Ministério do Turismo. “O Carnaval é um dos eventos que dá forma à identidade turística do Brasil e coloca o país em posição de destaque no mundo”, disse o ministro do Turismo, Vinicius Lages. “É uma experiência originalmente nossa, única, que só é possível viver aqui – e isso é um forte atributo de competitividade”, afirmou. (BRAGA, 2015).

R9: Artista plástico conta como ganha dinheirinho extra no Carnaval (*manchete*)
Natural de Salvador, o artista plástico Sidney Lima mora no Espírito Santo, mas voltou à sua cidade natal para ganhar um dinheirinho extra neste Carnaval. Sidney produz barcos, caravelas e esculturas em geral a partir das cascas do licuri, piaçava, biriba e barbante e tem custo zero com elas. O lucro, no entanto, já chegou a 400 euros. Busco minha matéria prima no mato e vendo de acordo com o que eu produzo. "Graças a Deus eu vendo tudo que faço, nunca sobra nada", revelou. Segundo o artista plástico, a época de festa é propícia para vendas. "O turista compra muito. Vou passar o Carnaval revezando entre o Pelourinho e a Barra", contou. (ARTISTA plástico..., 2015).

R10: Artistas de Piraí ganham destaque no Carnaval 2015 (*manchete*)
Piraí - O Carnaval 2015 de Piraí está prestigiando os artistas locais. Durante as matinês, grupos de pagode se apresentarão em Piraí e Arrozal. A banda Halley também fará parte da festa, que começará no domingo e seguirá até terça-feira, sempre a partir das 16 horas. Para o secretário de Cultura, Charles Barizon, “é uma forma de dar oportunidade aos grupos ou artistas do município, para mostrarem seu talento de forma que possam conquistar mercado e evoluir”. (ARTISTAS de Piraí..., 2015).

Os principais silenciamentos que podem ser retirados do cotejo são:

- A) O Carnaval brasileiro atrai milhares de turistas que alavancam o setor de turismo, serviços e hotelaria, gerando empregos formais e informais, o que traz grande aporte para o giro e entrada de capital;
- B) O país é a vitrine do mundo durante os dias de folia. Os olhos do mundo dirigem sua atenção para o Brasil;
- C) A economia depende diretamente da injeção financeira proporcionada pelo Carnaval. A balança entre saída e entrada de dinheiro indica um superávit gigantesco, do qual o país é ainda muito dependente;
- D) Os artistas (pintores, escultores, desenhistas, aderecistas, músicos, costureiros, entre outros) encontram no Carnaval o trabalho (seja ele formal ou informal) que irá garantir seu sustento;
- E) O Carnaval é a principal vitrine de exposição desses artistas e profissionais, que por sua arte colaboram para a festa enquanto patrimônio artístico e cultural.

Por fim, consideramos agora o cotejo de R3, abaixo copiado, com os recortes R11, R12 e R13:

Recorte R3 do texto: Alguém já parou para calcular o quanto o Estado gasta para socorrer vítimas de acidentes causados por foliões embriagados? Quantos milhões são pagos em indenizações por morte ou invalidez decorrentes desses acidentes? [...] Eu até acho que o carnaval já foi bom... Mas, isso foi nos tempos de outrora. (SHEHERAZADE, 2011).

Cotejo de textos - R11, R12 e R13:

R11: Leci Brandão: Carnaval não combina com violência e discriminação. (LECI Brandão..., 2015).

R12: Número de acidentes fatais nas rodovias durante o Carnaval tem redução de 25% (*manchete*)

Nos três primeiros dias da operação Carnaval 2013, o número de mortos nas estradas brasileiras caiu de 130, em 2012, para 97, neste ano, no mesmo período. Balanço parcial da Polícia Rodoviária Federal (PRF), com dados dos três primeiros dias da Operação Carnaval 2013, revela que o número de mortes nas estradas brasileiras caíram 25% em relação ao mesmo período do ano anterior. Foram 97 acidentes fatais contra 130 em 2012.

Este primeiro levantamento da operação mostrou ainda redução de 2,6% nos acidentes (2051 em 2012 contra 1997 em 2013) e 15,7% no número de feridos (1.303 para 1.098). Além disso, o número de testes de embriaguez aplicados pela PRF nos três primeiros dias de Carnaval já supera o realizado em toda operação em 2012, quando 30.425 motoristas foram testados. (NÚMERO de acidentes..., 2014).

R13: Natal é o feriado mais violento de 2012. A imprudência ainda está entre as causas e a polícia vai intensificar o alerta no ano-novo.

O feriado prolongado de Natal terminou na madrugada de ontem como o mais violento do ano nas estradas mineiras, superando em 18,2% as mortes do recesso de Nossa Senhora Aparecida, em 12 de outubro. Foram 65 mortos e 750 feridos em 921 acidentes, de acordo com balanço apresentado ontem pelas polícias rodoviárias Federal (PRF) e o Departamento de Meio Ambiente e Trânsito (Dmat) da Polícia Militar. A média foi de 13 mortes por dia. O feriado prolongado de 12 de outubro vem em seguida, com 55 mortos e 594 feridos (26,3%) em 826 acidentes (-11,5%). O carnaval tinha marca de época com mais pessoas feridas entre os nove grandes recessos de 2012, chegando a 738 (-1,36%)

As rodovias estaduais superaram as federais em nove mortes: 37 contra 28. As duas corporações destacaram a imprudência e o grande volume de veículos, circulando por dias consecutivos, como as principais causas de batidas e atropelamentos. (PARREIRAS, 2012).

Comparando R3 com o cotejo de textos, temos os seguintes silenciamentos identificados:

- A) Enquanto festa popular o Carnaval não visa promover a violência, os acidentes ou quaisquer outros problemas; aliás, nenhuma festa tem esse objetivo ou causa;
- B) A redução crescente do número de mortes e de acidentes, devido às campanhas realizadas contra o uso de bebida alcoólica associada à direção de veículos;
- C) A imprudência de muitos motoristas associada ao aumento da frota como principal fator dos acidentes.

2.3 O modo de enunciação: como atua o enunciante?

Nos fragmentos dissertativos utilizados pela jornalista, podem ser observadas as seguintes escolhas sobre o modo de enunciação:

- A) Expressões relacionadas apenas ao universo das classes mais abastadas ou termos a ela ligados, tais como “camarotes VIP”, “festas privadas”, “abadás caríssimos”, “donos de cervejaria”, “proprietários de trios elétricos” e “artistas baianos”, o que é uma pista de que o enunciante inclui a voz de apenas um único lugar social (o do rico) para avaliar o que diz e conduzir sua conclusão;
- B) Os fragmentos apresentam afirmações estanques, fixas, considerando apenas o aspecto financeiro relacionado a uma única classe social.
- C) A jornalista inicia sua argumentação com uma afirmação: “É uma festa popular”. Em seguida, ela contradiz essa afirmação, por meio de um jargão popular: “Balela”;

- D) O uso reiterado da expressão “só”, que no primeiro caso atua como verificador do escopo “dá lucro para donos de cervejaria, para proprietários de trios elétricos e uns poucos artistas baianos” e no segundo caso, destaca o termo “prejuízo”, excluindo outras possibilidades. O uso do advérbio acaba criando uma ideia de aparente verdade irrefutável;
- E) Majoritariamente, o texto é construído no presente, o que se apoia na teoria de Émile Benveniste (1995) de que o uso do presente insere o sujeito na língua, aproxima-o do discurso que veicula. Porém, cabe notar o uso certo da jornalista no uso do verbo *virar*, conjugado no pretérito perfeito do indicativo (*virou*), que pela mesma teoria de Benveniste, alia-se ao discurso da história, o que sugere como forte argumento uma mudança em relação ao Carnaval – mudança esta entendida numa transformação da festa, que antes não era “negócio dos ricos”, mas agora “virou”.
- F) O uso de expressões lexicais relacionadas ao campo semântico de “prejuízo”, tais como “calcular”, “gasta”, “pagos”, “milhões” e “indenizações”, o que articula o discurso no sentido de que se não houvesse Carnaval, não haveria gastos aparentemente desnecessários;
- G) As escolhas feitas pela jornalista baseiam-se em alguns valores que circulam na sociedade, isto é, o dito faz parte de um senso comum, de discurso proferido socialmente, o que argumenta para sua veiculação e rápida identificação dos ouvintes / interlocutores.

2.4 Uma interpretação possível: por que o enunciante diz o que diz do modo como diz?

A análise permite observar que o enunciante aparentemente constrói uma teia de argumentos lógicos que convergem para uma determinada conclusão. Entretanto, devemos considerar o caráter limítrofe dos argumentos e da conclusão, tomados a priori pela opinião do senso comum representativo de uma grande massa da população, além do fato de o enunciatador ser alguém distante da realidade que envolve o tema debatido.

Inicialmente, percebe-se no modo de enunciar da autora dos fragmentos dissertativos uma insistente preocupação com os aspectos financeiros que circundam a festa do Carnaval. A autora supõe pela construção dos argumentos que realiza que o Carnaval apenas privilegia a classe dominante (mais abastados – ricos) em detrimento da classe que deveria privilegiar (os mais pobres). Além disso, ela considera o aspecto e o montante financeiro gasto com os acidentes causados por foliões beberrões, que de seu ponto de vista é um dinheiro gasto que

poderia ser poupado. Sendo assim, em tempos de outrora, o Carnaval seria bom, ao passo que nos padrões atuais é só prejuízo, como a própria autora coloca.

Não se defende aqui que na festa em questão não haja pontos muito discutíveis e talvez que mereçam uma crítica considerável. Porém, devemos considerar que enquanto jornalista, conhecedora da cultura e do domínio da escrita, além de bem-sucedida profissionalmente, a enunciante também se enquadra na classe mais abastada, talvez não rica, mas certamente privilegiada. Talvez devessem ser questionadas as razões que levam a população a amar tanto o Carnaval, principalmente a população mais carente que mora e circunda os arredores das quadras, morros e favelas em que se desenvolvem os principais festejos carnavalescos do Brasil. Nesse contexto, pode-se então pensar que o Carnaval, além de trazer o sustento e o pão das pessoas envolvidas, também é o palco para a exibição dos artistas. Por esse lado, vemos alguém da elite dizer algo sobre o Carnaval, em que considera os aspectos apenas questionáveis da questão, excluindo tudo de bom que possa haver na mesma. Alguém que não vive e não depende diretamente do Carnaval como meio de existência e de renda. Como postulou Gnerre, em 1985 (*apud* Voese, 2004, p. 5) “a linguagem não é usada somente para veicular informações [...mas também para] comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive.”.

O caminho discursivo tomado pela autora na tessitura dos argumentos também leva em consideração a generalização como efeito de persuasão. Ao sugerir um enorme montante de dinheiro gasto com o socorro de vítimas de acidentes causados por foliões embriagados, há o subentendido de que, se não houvesse a festa, esse gasto não existiria. Argumento ingênuo, pois o que se dizer então do montante exorbitante gasto em acidentes ocorridos em outros feriados, ou talvez em questões mais críticas, como o desvio financeiro e a corrupção que assolam o país. Aliás, talvez, considerando a posição de jornalista e de crítica ferrenha do sistema político e da corrupção existente no Brasil, entenda-se a crítica da mesma para o Carnaval, visto que, ao se considerar que apenas os ricos e donos de negócios têm lucro, a jornalista queira na verdade criticar a corrupção e levantamento de dinheiro ilegal que envolve algumas pessoas e entidades ligadas ao Carnaval. Porém, se é mesmo essa a intenção da jornalista, percebe-se que de forma infeliz foi sua proposta inicial de denunciar os aparentes problemas que envolvem a temática carnavalesca.

Considerando ainda a opinião expressa frente a um fato, podemos perceber que o discurso se constrói no isolamento de outras vozes. Aparentemente, ao tentar trazer a “verdade” do que seja o Carnaval, a jornalista desconsidera as milhares de posições e pessoas envolvidas com a temática, ao utilizar apenas um senso comum relativo à parcela da

população que na maior parte dos casos vive isolada ou muito distante do universo que realmente circunda a questão e problemáticas do Carnaval.

Logo, ao dizer aquilo que muitos dizem por aí, a jornalista propõe reafirmar algo que tem para si como verdadeiro, quando, na verdade, ao invés de legitimar o discurso que ela tenta reafirmar, o que ocorre é o contrário, pois se levanta o questionamento das falas e do discurso, frente à posição ocupada pela enunciante, seja como representante da mídia elitista ou como profissional desconectada do evento e de sua importância social.

2.5 A compreensão da discursividade

Caminhando até aqui, observa-se que é possível levantar algumas questões que se referem à hierarquização dos lugares sociais que determinam as possibilidades e os modos de enunciação.

Do modo como construídos os argumentos, fica evidente que eles refletem a ideologia e uma concepção do Carnaval, baseada em:

- A) Carnaval é uma festa comercial que privilegia apenas os ricos, tornando-os mais ricos;
- B) A festa tida como do povo é mero pretexto para o enriquecimento dos já ricos;
- C) A alegria do povo com o Carnaval causa prejuízos financeiros e mortes por acidentes causados por foliões embriagados.

Logo, considerando que a concepção e a ideologia adotada foram veiculadas na mídia televisiva, imagina-se e entende-se a visão da jornalista como a verdade entendida pela sociedade, divulgada aos ventos e a todas as pessoas e telespectadores do jornal.

Se considerarmos agora os cotejos realizados e os silenciamentos que as vozes de outros textos trazem, entenderemos a postulação de argumentos que privilegiam apenas uma face da questão, desconsiderando, refutando ou menosprezando os demais envolvidos. Talvez ainda, a posição adotada seja o reflexo de uma realidade social, que encontra na voz de uma jornalista, talvez inconformada com os muitos problemas e gastos excessivos no Brasil, sem mencionar a corrupção, obras superfaturadas e desvios de dinheiro público, uma maneira de generalizar e incluir o Carnaval, de tecer uma crítica a essa festa popular, justamente por movimentar muito dinheiro e se supor que também compartilha de excessos e violações financeiras.

Considerando ainda os silenciamentos como tentativas de apagamento das vozes que compõem a heterogeneidade do Carnaval, essas tentativas podem ser consideradas como pistas de uma possível ação ideológica que procura garantir a aceitação de uma verdade ou

definição única para um projeto, efeito social. Em outras palavras, os silenciamentos presentes são as evidências de uma tentativa de homogeneização da reprodução de um discurso pronto, estruturante de uma sociedade que pensa e reflete tudo o que a cerca apenas pelo aspecto financeiro, desconsiderando a influência tanto ou até mais importante dos efeitos e ações que podem criar / despertar o Carnaval enquanto patrimônio cultural, histórico e social da nação.

Voese (2004, p. 129) ainda menciona que:

A atividade enunciativa do autor, procurando apagar o que se alistou como silenciamentos e contradições em relação a outros ditos possíveis, confirma a ideia de que, numa dada formação social, há discursos diferentes sobre uma mesma temática, ligados, porém, a diferentes grupos sociais e determinados por ideologias antagônicas.

Nesse sentido, não é de se estranhar a percepção da visão que envolve o Carnaval frente ao enunciador que veicula sua posição, pois os que vivem e se beneficiam do Carnaval obviamente o defendem, ao passo que os que muito distante se encontram dessa realidade apenas conseguem analisar e identificar os problemas da questão, sem conseguir ver com bons olhos o que realmente há de positivo na festa.

3 Conclusão

Nesta pequena análise realizada, tentou-se mostrar um pouco da Análise do Discurso enquanto proposta de trabalho com textos em aulas de Língua Portuguesa. Cabe destacar que o pouco que aqui se trouxe é apenas um caminho possível a se seguir, em que as possibilidades de maneira nenhuma se esgotam. Na verdade, a condução da análise propiciou, talvez, a possibilidade de se refletir sobre outras maneiras e metodologias de análise textual nas aulas de Língua Portuguesa. Longe de se dar por encerrada, a Análise do Discurso se mostra cada vez mais ativa e presente no universo escolar e de formação do ser humano, considerando que possibilita o pensamento enquanto formação ideológica e histórica, propiciando adequação e inserção do sujeito na língua, o que resulta no próprio entendimento da *persona* humana frente aos discursos e textos que circundam seu universo e compõem sua identidade linguística.

Referências

A CANECA de Leci. *Revista Dinâmica*, ed. 2. Seção MP2, p. 27, 2008. Disponível em: <http://issuu.com/bscomunicacao/docs/edicao_02>. Acesso em: 16 out. 2015.

ARTISTA plástico conta como ganha dinheirinho extra no Carnaval. Portal Ibahia, 12 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.ibahia.com/detalhe/noticia/artista-plastico-Conta-como-ganha-dinheirinho-extra-no-carnaval/?cHash=f4f02200c867a418046b6e16b28bae95>>. Acesso em: 16 out. 2015.

ARTISTAS de Piraí ganham destaque no Carnaval 2015. *Folha Vale do Café*, Rio de Janeiro, 12 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.folhavaledocafe.com.br/cidade/artistas-de-pirai-ganham-destaque-no-carnaval-2015-1.1535639#.Vi5LD36rTIU>>. Acesso em: 18 out. 2015.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRAGA, Gustavo Henrique. Turismo Brasileiro comemora números do Carnaval. Ministério do Turismo. 23 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/1422-turismo-brasileiro-comemora-numeros-do-carnaval.html>>. Acesso em: 18 out. 2015.

ESPECIAL Carnaval: contribuição para economia do Brasil. Associação Brasileira de Empresas de Eventos - ABEOC Brasil, 24 fev. 2012. Disponível em: <http://www.abeoc.org.br/2012/02/especial-carnaval-contribuicao-para-economia-do-brasil/>. Acesso em: 17 out. 2015.

FONTES, Prisca. Escolas esquentando os pés dos foliões para o próximo carnaval. *O fluminense*. Rio de Janeiro, 13 out. 2013. Caderno Cidades. Disponível em: <<http://fonseca.soumaisniteroi.com.br/escolas-esquentando-os-pes-dos-folies-para-o-proximo-carnaval/>>. Acesso em: 17 out. 2015.

LECI Brandão: Carnaval não combina com discriminação. Entrevista de Leci Brandão ao Portal da CTB, São Paulo, 14 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/258957-8>>. Acesso em: 19 out. 2015.

NASS, Daniel Perdigão. A história do carnaval brasileiro. *Revista Eletrônica de Ciências*, ed. 17, 2003. Disponível em: <http://www.cdcc.sc.usp.br/ciencia/artigos/art_17/carnaval.html>. Acesso em: 15 out. 2015.

NÚMERO de acidentes fatais nas rodovias durante o Carnaval tem redução de 25%. Portal Brasil. Seção Governo, publicado em 14 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2013/02/numero-de-acidentes-fatais-nas-rodovias-durante-o-carnaval-tem-reducao-de-25>>. Acesso em: 16 out. 2015.

PARREIRAS, Matheus. Gastos com vítimas de acidentes chegam a R\$31,5 milhões em Minas. *Estado de Minas*. Portal EM.com.br, Seção Gerais, 27 dez. 2012. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/12/27/interna_gerais,339573/gastos-com-vitimas-de-acidentes-chegam-a-r-31-5-milhoes-em-minas.shtml>. Acesso em: 17 out. 2015.

SHEHERAZADE, Rachel. Esperando a quarta-feira de Cinzas. 2 mar. 2011. Disponível em: <<http://rachelshheherazade.blogspot.com.br/2011/03/esperando-quarta-feira-de-cinzas.html>> Acesso em: 15 out. 2015.

_____. Telejornal Tambaú Notícias. João Pessoa, fev. 2011. Crítica sobre o CARNAVAL -

Jornalista Rachel Sheherazade. Vídeo postado por Hick Hovick. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cuadotEn_to>. Acesso em: 15 out. 2015.

VOESE, Ingo. Análise do discurso: uma proposta. In: _____. *Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção aprender e ensinar com textos, 13). cap. 3, p. 105-131.

Obras consultadas

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de Estudos linguísticos*, v. 19, p. 25-42, 1990.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes; Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; ELIAS, Vanda Maria. O advérbio. In: _____. *Pequena Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012. cap. 6, p. 245-278.